

RELATÓRIO TÉCNICO:

**DESAFIOS PARA O AVANÇO DA AGROINDÚSTRIA GOIANA:
PERCEPÇÕES DOS AGENTES SOBRE MACROTEMAS**

CADEIA AGROINDUSTRIAL SUCROENERGÉTICO

Organizador:

Anderson Mutter Teixeira – UFG

Equipe Executora:

Cleyzer Adrian da Cunha – UFG

Adriana Ferreira da Silva – UFG

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo – UFMS

Waldemiro Alcântara da Silva Neto – UFG

Equipe Supervisora:

Douglas Parahyba de Abreu (Sebrae-GO)

Heverton Eustáquio (Fieg)

Instituições Executoras:

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Fundação de Apoio à Pesquisa – Funape

Projeto: Estratégias para o Desenvolvimento da Agroindústria em Goiás

Goiânia – GO

Dezembro de 2023

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	3
2.	PERCEPÇÕES AGENTES LIGADOS A AGROINDUSTRIA DA CADEIA SUCROENERGÉTICO EM GOIÁS	4
2.1	CRÉDITO	4
2.2	LOGÍSTICA.....	6
2.3	FLUXOS COMERCIAIS	8
2.4	INDUSTRIALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO	9
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório técnico contempla análises que estão em consonância com uma série de seis estudos, fruto da parceria de pesquisa entre UFG, Fieg e Sebrae/GO para o projeto “Estratégias para o Desenvolvimento da Agroindústria em Goiás”.

O presente relatório técnico tem por objetivo geral a descrição das percepções atuais dos agentes relativos aos seguintes macrotemas: i) Crédito, ii) Logística, iii) Fluxos Comerciais, iv) Industrialização e Internacionalização. Neste relatório, tais aspectos são descritos especificamente para a cadeia agroindustrial sucroenergética.

A metodologia empregada envolveu pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas em profundidade com agentes das oito cadeias agroindustriais avaliadas no âmbito do projeto. As entrevistas foram realizadas entre os dias 11 de novembro de 2022 a 02 de dezembro, com representantes das respectivas cadeias estudadas, selecionados pelo corpo técnico da FIEG.

A transcrição das percepções e principais apontamentos dos entrevistados, foi realizada pelos pesquisadores, respeitando o conteúdo definido em um roteiro de entrevistas, elaborado pela equipe de pesquisadores da UFG e UFMS, revisado pela equipe da FIEG.

Nas próximas seções, as percepções para a cadeia sucroenergético em Goiás são apresentadas seguindo a ordem dos macrotemas: i) Crédito, ii) Logística, iii) Fluxos Comerciais, iv) Industrialização e Internacionalização.

2. PERCEPÇÕES AGENTES LIGADOS A AGROINDÚSTRIA DA CADEIA SUCROENERGÉTICO EM GOIÁS

2.1 CRÉDITO

a. As agroindústrias não detêm entraves na obtenção de crédito: há linhas de crédito disponíveis nos bancos comerciais e BNDES, assim como em fundos internacionais. Em geral, os recursos são obtidos com fins de investimento.

b. Sem previsão de novos investimentos: a expansão no número de usinas no estado ocorreu entre o início dos anos 2000 até meados de 2019. Nesse período, o número de usinas saltou de 12 unidades para 37. Nesse processo os incentivos fiscais estaduais, por meio de programas como o Produzir, foram importantes para instalação de novos projetos.

c. Incentivos fiscais disponíveis são importantes, mas tem ficado aquém do realizado em outros estados: a renovação dos programas de incentivos fiscais implicou em inseguranças e perdas em relação a estados vizinhos, como MT, MS e MG. Perante este cenário, empresários estão deixando de investir em Goiás.

d. Incentivos significam ganho de competitividade em relação a outros estados: competitividade do produto goiano passa pelos incentivos fiscais do estado, o cenário de reajustes, e mesmo retirada, desses incentivos tem gerado insegurança, comprometendo a comercialização do produto de Goiás fora do estado.

e. FCO: desconhecimento quanto a obtenção desse recurso pelas agroindústrias do estado. Os valores disponíveis pelo FCO não atendem ao montante demandado pelas Usinas, que se referem a montantes financeiros expressivos para realização de investimentos.

f. Sobre o funcionamento do FCO: as outras linhas são melhores que o FCO. As empresas não acessam porque não tem governança e práticas que melhoram o *rating*, houve muita politização e interferências por parte do estado, questões políticas do comitê, e crivo do Banco do Brasil também interfere com muitas exigências e contrapartidas. Tem que ter opções além do Banco do Brasil.

g. Linhas FGO e FGI (CNI): em geral são desconhecidas pelas pequenas e médias empresas.

h. FCO: condições boas de taxas para produtor, mas não tem a mesma condição para a indústria, o que acaba não atraindo. Metade da destinação do FCO é para o agro, a outra metade para comercio serviços e industrial e para Micro e Pequenas. Uma alternativa seria destinar um valor específico para o setor, como R\$ 200 milhões para o Setor Sucroenergético. Isso iria elevar a confiança do empresário e, conseqüentemente, a demanda pelo recurso.

- i. CRAs e LCAs: algumas empresas têm feito, mas depende do *rating* das empresas.
- j. BNDES: altas nas taxas de juros reduziu a atratividade. No início dos anos 2000 tinha linhas melhores, mas atualmente está mais limitado.

2.2 LOGÍSTICA

a. Rede elétrica: as usinas sucroenergéticas em operação no estado apresentam capacidade de geração de energia acima da sua demanda. Este cenário significa uma oferta que poderia ser distribuída na rede do estado, mas isso não ocorre de forma eficiente, pois apenas 19 das 37 usinas em operação no estado estão conectadas ao sistema *on grid* (sistema que permite conexão da energia da usina com a rede da Enel). Lembrando que em períodos de baixa precipitação, a distribuição de energia elétrica fica comprometida, ou passa por ajuste de tarifas, justamente pelo comprometimento na oferta.

b. Malha rodoviária comprometida: precariedade das rodovias federais quanto nas estaduais, comprometem a competitividade dos preços e a segurança das vias. Os caminhões que transportam a matéria prima (cana-de-açúcar) e os produtos processados (biocombustível e açúcar) são de grande porte, longos e lentos, por isso para seu tráfego é importante a presença de vias com boa manutenção, presença de terceira faixa, sinalização adequada, etc., com boa manutenção.

c. escoamento da produção exclusivamente pelo modal rodoviário limita competitividade do estado: Projetos de Alcoolduto ou etanolduto não avançaram: trechos projetados para Goiás não foram executados. Trechos inoperantes da Ferrovia Norte Sul em pontos estratégicos para as usinas também comprometem o escoamento da produção, e limitando o transporte ao modal rodoviário.

d. Armazenagem no estado é considerada precária: estocagem de etanol é precária no estado, o que obriga produtores a enviar seus estoques para outros estados.

e. Energia: para fazer a cogeração e colocar na rede de distribuição, teve que construir a rede de 69KV longa e cara, custo para infraestrutura para gerar energia elétrica (a empresa tem usina de geração a partir da biomassa).

f. Capacidade geração de energia (bioeletricidade) mas não há conexão com a rede da Enel. Por exemplo, Goianesia, sofre problema de energia elétrica para alavancar os setores econômicos, mas Enel não autoriza projetos por ausência de energia. A Usina Jales Machado gera energia, mas não tem como colocar na rede.

g. Estocagem – tem os próprios depósitos para o açúcar e para o etanol para poder vender no melhor momento – investimentos foram importantes para dar poder de negociação em períodos de melhores preços.

h. Transporte: estradas vicinais não é um problema. Modal rodoviário ainda usado pelo setor é muito caro e oneroso, mas não vê mudanças no cenário. O estado de São Paulo em relação a logística é maior ponto de competitividade. O entrevistado citou como exemplo: a dutovia de Paulínia vai até Uberaba, enquanto SP tem maiores investimentos e malhas neste tipo de modal que favorece as exportações. O Etanol é principal produto

que vai para as distribuidoras de SP, MG e DF via caminhão. O entrevistado ainda fez relação entre exportação de grãos via arco norte que favoreceu o setor por meio da disponibilidade de caminhão para transporte de outras cadeias. Citou investimentos de linhas férreas estaduais como redução de custo de transporte para o setor. Vê com bons olhos a armazenagem do Etanol nas Usinas como forma de mitigar os efeitos da sazonalidade. Desafio maior é a redução do frete. O entrevistado ainda citou leis que poderiam favorecer o uso do biogás e outras na usina por exemplo em seus caminhões, custo de diesel ainda tem forte impacto no setor. Energia elétrica o setor gera por meio de bioeletricidade mas ainda problema de conexão junto a rede de transmissão da ENEL. Rede saneamento e água: problema com as outorgas e licenças ambientais, embora o setor utiliza pouco no processo industrial. Telecomunicações: importante para o setor, parcerias com as operadoras têm sido feito ao longo dos anos.

2.3 FLUXOS COMERCIAIS

a. Maior parte do etanol do estado é comercializado pelas distribuidoras e não diretamente pelas usinas: a partir da Medida Provisória publicada em 12 de agosto de 2021, o Governo Federal alterou a Lei nº 9.478/1997, passando a flexibilizar o processo de compra e venda do etanol hidratado entre usinas e postos, agora sem a intermediação de distribuidoras. No caso de Goiás, as usinas ainda seguem comercializando a maior parcela da sua produção com as distribuidoras, não acessando, portanto, diretamente os postos de revenda.

b. Vendas para dentro do estado predominam: a produção realizada no estado é suficiente para atender à demanda do mercado goiano, não sendo necessária compras de outros estados.

c. Vendas para fora do estado: a produção vendida para outros estados, em especial para Minas e estados da região Nordeste, ocorre em janelas de encerramento do período de moagem.

d. Fluxos comerciais: **Saídas:** 30% açúcar e 70% Etanol. Foco principal é abastecer o mercado goiano e regional com etanol. Há poucas empresas que tem mix amplo de produtos (o entrevistado citou a Usina Jales Machado como sendo a única). As demais na sua maioria focam no mercado de etanol e poucas exportam açúcar. **Entradas:** depende de outros estados: indústria de base e de químicos etc. Região de Sertãozinho. Máquinas e equipamentos são importados de outras regiões. Não vê mudanças neste cenário. Embora, tenha destacado que tem uma indústria pequenas, mas presente no estado haja vista o avanço do setor.

2.4 INDUSTRIALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO

a. **Concorrência entre culturas limita expansão na oferta da matéria prima (cana-de-açúcar), e, portanto, a industrialização:** no estado há disputa por área, tendo a produção de grãos maior competitividade, dado seus melhores retornos. Com isso, a expansão da produção da matéria-prima se mostra um fator limitador para novos investimentos industriais.

b. **Déficit de mão de obra qualificada:** todo o plantio e colheita no estado é mecanizado, o que exige trabalho especializado, não disponível no estado.

c. Industrialização registra tendência de estagnação no estado nos próximos anos: a percepção dos agentes do setor demonstra que novos empreendimentos dificilmente virão para GO, em especial devido à política tributária no estado.

d. Falta de mão de obra qualificada – Senai e Senar para qualificar a mão de obra; Programa Menor Aprendiz é interessante; a empresa se preocupa com a qualificação. Máquinas autônomas que precisam mão de obra qualificada e tem sido o gargalo do setor.

e. concentração do setor – tem de tudo, fusões, aquisições ou expansão. Esta é a tendência do setor tendo em vista que apenas as eficientes permecem (acesso crédito, garantias, ESG, produção, etc).

f. Internacionalização: o estado exporta somente o açúcar VHP.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção dos agentes entrevistados, traz o sentimento desses atores acerca dos macrotemas: crédito, logística, fluxos comerciais e grau de industrialização e internacionalização. A apresentação aprofundada dos dados quantitativos e qualitativos sobre esses macrotemas já foi conduzido em capítulos anteriores e a percepção dos agentes-chave vem corroborar com os resultados obtidos anteriormente.

No capítulo seguinte, onde serão tratadas as questões relativas à Proposição de Políticas, é onde haverá a consolidação do estudo. As instituições, empresários e demais agentes que compõem as cadeias agroindustriais de Goiás, objeto deste estudo, irão se deparar com uma agenda de políticas de fomento ao desenvolvimento e crescimento da agroindústria goiana.